

*Uma mentira
salvará uma família.
A verdade destruirá outra.
Qual você escolheria?*



Diane Chamberlain

SEGREDOS E MENTIRAS





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

PARTE I

NOELLE

Noelle

Wilmington, Carolina do Norte
Setembro de 2010

Ela estava sentada no último degrau da varanda da frente do seu bangalô em Sunset Park, recostada à pilastra, de olhos pregados na lua cheia. Sentiria falta de tudo isso. Do céu noturno. Da barba-de-velho que pendia dos carvalhos. Do ar de setembro que parecia cetim em contato com sua pele. Resistiu ao impulso de se recolher ao quarto. Os comprimidos. Ainda não. Tinha tempo. Podia ficar sentada ali a noite toda, se quisesse.

Ergueu um braço e contornou com a ponta do dedo o círculo da lua. Sentiu os olhos arderem.

– Amo você, mundo – sussurrou.

O peso do segredo se fez sentir de repente, e ela deixou a mão cair sobre o colo como uma pedra. Ao acordar de manhã, nem sequer desconfiara que este seria o dia em que ela não suportaria mais carregar aquele peso. Ainda há pouco, ao cair da noite, ela cantarolava ao picar aipo, pepinos e tomates para a sua salada, pensando no lourinho prematuro nascido na véspera – uma vida frágil que precisava da sua ajuda. Quando, porém, se sentara para comer diante do computador, fora como se dois braços musculosos saíssem da tela e duas mãos lhe comprimissem com força a cabeça, os ombros, os pulmões, impedindo-a de respirar direito.

Até o formato das letras na tela perfurava seu cérebro, e ela entendeu que a hora tinha chegado. Não sentiu medo – de fato nenhum pânico – ao desligar o computador. Largou a salada praticamente intacta sobre a escrivaninha. Não precisava mais dela. Não a queria. Aprontou tudo; não foi difícil. Vinha se preparando para essa noite havia muito tempo. Depois de tudo arrumado, foi até a varanda para contemplar a lua, sentir o ar acetinado e encher de mundo os olhos, os pulmões e os ouvidos uma última vez. Não esperava mudar de ideia. O alívio da decisão era grande demais, tão grande que, na hora em que finalmente se pôs de pé, justo quando a lua se escondeu atrás das árvores do outro lado da rua, ela quase sorria.

Tara

Subir e chamar Grace para jantar vinha se tornando um hábito. Eu sabia que a encontraria sentada em frente ao computador usando fones de ouvido, o que a impedia de me escutar quando eu gritava por ela da cozinha. Será que fazia isso de propósito? Bati à porta e, como não houve resposta, a entreabri. Ela estava digitando, sua atenção focada no monitor.

– O jantar está quase pronto, Grace – avisei. – Por favor, vá pôr a mesa.

Nosso cachorro, Twitter, estava estirado junto aos pés descalços de Grace, mas, à menção da palavra “jantar”, postou-se ao meu lado de imediato. Minha filha, não.

– Só um minuto – disse ela. – Preciso terminar isto.

Não dava para ver a tela de onde eu estava, mas não tive dúvidas de que Grace digitava um e-mail em vez de fazer o dever de casa. Eu sabia que ela continuava um pouco atrasada em relação à turma. É o que acontece quando se dá aula na escola em que seu filho faz o ensino médio: sempre se sabe como ele está nos estudos. Grace havia sido uma aluna excelente e conhecida por suas ótimas redações na Hunter High, mas tudo tinha mudado em março, com a morte de Sam. Todo mundo pegou leve com ela durante a primavera e eu tinha esperança de que as coisas voltassem aos eixos agora, no outono, mas então Cleve terminou o namoro deles antes de partir para a faculdade e Grace piorou. Ou pelo menos eu suspeitava de que o término do namoro tinha sido o motivo de ela se fechar ainda mais em sua concha. Como eu poderia saber de verdade o que estava acontecendo, se ela não conversava comigo? Minha filha se tornara um mistério. Um livro fechado. Eu começava a vê-la como a estranha do andar de cima.

Encostei-me ao batente da porta e estudei-a. Tínhamos o mesmo cabelo castanho-claro, clareados com as mesmas luzes louras no salão, mas o dela, comprido e espesso, reluzia com o brilho acetinado de seus 16 anos. Em alguma curva do caminho, o meu, que ia até a altura do queixo, perdera o viço.

– Estou fazendo macarrão ao *pesto* – falei. – Fica pronto em dois minutos.

– Ian ainda está aí?

Ela continuou a digitar, mas deu uma rápida espiada pela janela, para onde supus que pudesse ver o Lexus de Ian estacionado na rua.

– Vai jantar conosco – respondi.

– Ele bem que podia se mudar para cá – disse ela. – Já passa o tempo todo aqui mesmo.

Fiquei chocada. Ela jamais dissera uma palavra sobre as visitas de Ian, e ele só ia uma ou duas vezes por semana à nossa casa, agora que o inventário de Sam havia terminado.

– Não é verdade – falei. – E ele tem ajudado muito com a papelada, meu bem. Além disso, assumiu todos os casos do seu pai e alguns dos processos estão aqui, no escritório, por isso...

– Esquece – resmungou Grace, erguendo os ombros até as orelhas enquanto digitava, como se pudesse bloquear a minha voz assim.

Parou de escrever um instante, torcendo o nariz para a tela, depois olhou para mim.

– Dá para você pedir a Noelle para largar do meu pé? – indagou.

– Noelle? Como assim?

– Ela vive mandando e-mails para eu e Jenny, e...

– Para mim e Jenny.

Grace revirou os olhos e eu me encolhi. *Idiota, idiota*. Eu queria que minha filha conversasse comigo, mas ficava corrigindo o que ela dizia.

– Tudo bem. O que ela quer de você e Jenny?

– Que a gente faça coisas para o projeto de bebês carentes que ela tem – respondeu Grace, acenando na direção do monitor. – Agora é: “O trabalho comunitário vai ser um ótimo trunfo quando vocês se candidatarem a uma faculdade.”

– Vai mesmo.

– Ela é doida – concluiu Grace, voltando a digitar, os dedos voando sobre o teclado. – Se você comparar a tomografia do cérebro dela com a de um cérebro normal, vai ver que são bem diferentes.

Tive de sorrir. Grace talvez estivesse certa.

– Bem, ela trouxe você a este mundo e sempre serei grata por isso – falei.

– Ela também nunca me deixa esquecer isso.

Ouvi o timer disparar lá embaixo.

– O jantar está pronto. Vamos.

– Dois segundos.

Ela se levantou, mas continuou a digitar rápido, inclinada sobre a escrivaninha. De repente deixou escapar um grito, levou as mãos ao rosto e deu um passo para trás.

– Ah, não! – exclamou. – Ah, *não*!

– O que houve?

– Ah, não – repetiu Grace, sussurrando dessa vez, enquanto desabava de volta na cadeira, com os olhos fechados.

– O que foi, meu bem?

Comecei a me aproximar, como se de alguma forma pudesse consertar o que estava errado, mas ela me dispensou com um aceno.

– Não foi nada – disse ela, com os olhos na tela. – E não estou com fome.

– Você precisa comer – insisti. – Quase não janta mais comigo.

– Mais tarde eu como um cereal – rebateu. – Mas agora... agora preciso consertar uma coisa, está bem?

Seu olhar me disse que a conversa chegara ao fim, e eu recuei, assentindo.

– Está bem – concordei, acrescentando em seguida: – Avise se eu puder ajudar.



– Ela está agitada – expliquei a Ian quando entrei na cozinha. – E não está com fome.

Ian picava tomates para a salada e se virou para me encarar.

– Talvez seja melhor eu ir embora – sugeri.

– Nem pensar – discordei, mexendo o *rigatoni* com molho *pesto* numa das minhas travessas grandes. – Alguém precisa me ajudar a dar conta de toda esta comida. De todo jeito, não é você que está afastando Grace de mim. Sou eu. Ela me evita o máximo que pode.

Eu não queria que Ian fosse embora. Sua companhia me confortava. Ele havia sido sócio de Sam no escritório de advocacia e um ótimo amigo por mais de quinze anos, e eu queria ficar ao lado de alguém que tivesse conhecido o meu marido e que gostasse dele. Ian vinha sendo meu porto seguro desde a morte de Sam. Era ele quem cuidava de tudo, da cremação ao fundo de investimento que agora geria para nós. Como as pessoas eram capazes de sobreviver a uma perda tão devastadora sem um Ian em suas vidas?

Ian pôs a travessa de *rigatoni* na mesa da cozinha e depois se serviu de um copo de vinho branco.

– Acho que ela tem medo de que eu queira tomar o lugar de Sam – disse ele, passando a mão no cabelo louro que começava a rarear.

Ian era um desses homens que a calvície não faz ficarem feios, mas eu sabia que a ideia de perder os cabelos não o deixava feliz.

– Eu não acho, não – falei.

Mas depois me lembrei de Grace ter dito que ele bem que podia se mudar para a nossa casa. Será que eu devia ter perguntado por quê? Não que ela fosse me responder.

Sentei em frente a Ian e espetei com o garfo um tubinho de *rigatoni* que na verdade não queria comer. Tinha perdido quase 10 quilos desde a morte de Sam.

– Sinto falta da minha Grace – falei, mordendo o lábio e olhando nos olhos escuros de Ian por trás de seus óculos. – Quando ela era menor, ficava me seguindo por todo lado dentro de casa. Vinha engatinhando e se aconchegava no meu colo e eu cantava e lia para ela e...

Dei de ombros. Eu sabia como ser boa mãe para aquela menininha, mas ela se fora havia muito tempo.

– Imagino que todo mundo sinta a mesma coisa quando os filhos viram adolescentes – disse Ian.

Ele não tinha filhos. Aos 45 anos, nunca se casara, o que soaria suspeito em outro homem, mas em Ian era algo que todos nós simplesmente aceitávamos. Chegara bem perto do casamento muitos anos atrás – com Noelle – e eu achava que ele jamais havia se recuperado do término repentino do relacionamento.

– Sam saberia o que dizer a ela – falei, percebendo frustração na minha voz. – Amo a minha filha, mas ela sempre foi mais apegada ao Sam. Ele era o nosso... O nosso tradutor. O nosso intermediário.

Era verdade. Sam e Grace haviam sido duas almas silenciosas, que não precisavam trocar palavras para se comunicarem.

– Dava para sentir a ligação dos dois quando estavam no mesmo cômodo, mesmo que um deles estivesse no computador e o outro, lendo. Dava para *sentir*.

– Você é muito perfeccionista, Tara – disse Ian. – Você se esforça para ser a mãe perfeita, mas não existem pais perfeitos.

– Sabe o que os dois adoravam fazer? – Sorri para mim mesma, presa às lembranças, algo que vinha me acontecendo um bocado ultimamente. – Às vezes eu tinha uma reunião que ia até tarde e, quando chegava em casa, encontrava os dois na sala assistindo a um filme, tomando alguma bebida à base de café que haviam inventado.

– Sam e o café – comentou Ian, rindo. – O dia inteiro. Tinha um estômago de avestruz.

– Ele viciou Grace em cafeína antes dos 14 anos – falei, beliscando um pedacinho da massa. – Ela sente uma falta louca do pai.

– Eu também – disse Ian, espetando um *rigatoni*.

– E aí o Cleve vai e termina o namoro tão pouco depois de...

Balancei a cabeça. Minha garotinha estava sofrendo.

– Eu daria tudo para que ela fosse um pouco mais parecida comigo – falei, mas depois me dei conta de que estava sendo injusta. – Ou que eu fosse um pouco mais parecida com ela. Queria que tivéssemos mais em comum, que

fizéssemos alguma atividade juntas, mas somos muito diferentes. Todo mundo na escola comenta isso, quero dizer, os outros professores comentam. Acho que esperavam que ela gostasse de teatro, como eu.

– Se não me engano, há uma lei que proíbe a existência de mais de uma diva por família – disse Ian, e eu o chutei por baixo da mesa.

– Não sou uma diva – retruquei –, mas sempre achei que o teatro seria bom para Grace, você não? Faria com que ela saísse da concha.

– Ela só é calada, Tara. Não é crime ser introvertido.

Crime não era, mas eu tinha uma necessidade quase patológica de interagir com outras pessoas, então não compreendia a timidez da minha filha. Grace abominava qualquer acontecimento social que envolvesse mais de uma ou duas pessoas, ao passo que, como dizia meu pai, “Tara consegue conversar com uma espiga de milho”.

– Ela já falou sobre tirar carteira de motorista?

Balancei a cabeça. Grace passara a ter medo de dirigir depois da morte de Sam. Mesmo quando era eu ao volante, dava para sentir sua tensão.

– Já mencionei o assunto algumas vezes, mas ela não quer falar sobre isso – respondi. – Com o Sam ela falaria.

Espetei meu garfo em outro *rigatoni*. Sentada ali com Ian, de repente fui assolada pela verdade que me pegava desprevenida a todo momento – no meio de uma aula, durante a seleção de elenco para uma peça da escola, enquanto lavava roupa: Sam nunca mais voltaria. Nunca mais faríamos amor novamente. Eu jamais poderia conversar com ele na cama à noite. Nunca sentiria os braços dele à minha volta quando acordasse de manhã. Ele não tinha sido apenas meu marido, mas meu melhor amigo e o mais antigo também. Quantas mulheres podiam dizer o mesmo sobre o homem com quem se casaram?



Estávamos pondo a louça na lavadora quando meu celular tocou e o som eletrônico de “All That Jazz” encheu a cozinha. Enxuguei as mãos e olhei para o nome na tela.

– É a Emerson – falei para Ian. – Você se importa se eu atender?

– Claro que não.

Ian era ainda mais viciado que eu num BlackBerry e não tinha como reclamar.

– Oi, Emy. O que houve?

– Você tem falado com Noelle? – indagou Emerson.

Tive a impressão de que ela estava no carro.

– Está dirigindo? O telefone está no viva-voz?

Imaginei-a apertando o celular contra o ouvido, o cabelo castanho, comprido e cacheado, cobrindo-lhe a mão.

– Se não estiver, não vou falar com...

– Está no viva-voz, sim, não se preocupe.

– Ótimo.

Eu me tornara ultraconsciente a respeito do uso de celulares no carro desde o acidente de Sam.

– Então? Falou com ela ultimamente? – insistiu Emerson.

– Bom... – Tentei me lembrar. – Falei há uns três dias, acho. Por quê?

– Estou indo para lá. Não consigo falar com ela. Você se lembra se ela disse alguma coisa sobre ir viajar ou algo assim?

Tentei lembrar a última conversa com ela. Tínhamos falado sobre a super-festa de aniversário que ela, Emerson e eu vínhamos planejando para Suzanne Johnson, uma das voluntárias do projeto social para bebês de Noelle e... mãe de Cleve. A festa tinha sido ideia de Noelle, mas fiquei felicíssima por ter algo com que me ocupar.

– Que eu me lembre, ela não falou nada sobre viajar – respondi.

Ian olhou para mim. Tive certeza de que ele sabia sobre quem estávamos conversando.

– Faz muito tempo que não fala de viajar – confirmou Emerson.

– Você parece preocupada.

Ian tocou no meu braço, indagou com os lábios “Noelle?”, e assenti.

– Achei que ela fosse aparecer lá em casa ontem à noite – prosseguiu Emerson –, mas não. Eu devo ter... Ei, filho da mãe! Desculpe. O carro na minha frente parou do nada.

– Cuidado, por favor – falei. – Vamos desligar.

– Não, tudo bem – disse ela, recuperando o fôlego. – Resumindo, devo ter entendido errado, mas agora não consigo achá-la e resolvi dar uma passada por lá depois do Hot!.

Hot! era a cafeteria que Emerson acabara de inaugurar, próxima à orla.

– Provavelmente ela está arrecadando doações para os bebês.

– Provavelmente.

Era típico de Emerson preocupar-se à toa. Era uma pessoa atenciosa e de bom coração, que jamais seria descrita por alguém sem o uso da palavra *boa*. Jenny não ficava atrás, e eu ficava muito feliz pelo fato de minha filha e a filha da minha melhor amiga também serem as melhores amigas uma da outra.

- Estou em Sunset Park agora e vou entrar na rua de Noelle – disse Emerson.
- A gente se fala depois, certo?
- Dê um beijo em Noelle por mim.
- Pode deixar.

Desliguei o telefone e olhei para Ian.

– Noelle tinha ficado de ir à casa de Emerson ontem à noite e não apareceu. Aí a Emy resolveu dar um pulo na casa dela para ver se está tudo bem.

– Ah, bom. Com certeza está tudo bem – disse ele, consultando o relógio. – É melhor eu ir andando para você poder levar alguma coisa para Grace comer lá em cima – prosseguiu, inclinando-se para me beijar no rosto. – Obrigado pelo jantar. Volto para pegar o restante dos arquivos de Sam daqui a uns dois dias, tudo bem?

Observei-o sair. Pensei em esquentar um prato para Grace, mas achei que ela não ia gostar disso e, honestamente, não queria enfrentar sua frieza outra vez. Então comecei a limpar as bancadas de granito, tarefa que me acalmou até eu dar de cara com o ímã de geladeira com a foto onde aparecíamos nós três – Sam, Grace e eu – às margens do rio San Antonio, no Texas, numa noite de fim de verão fazia pouco mais de um ano. Encostei na bancada e contemplei minha pequena família, desejando ardentemente poder voltar no tempo.

Pare com isso, disse a mim mesma, e retornei à limpeza.

Imaginei Emerson chegando à casa de Noelle e lhe dando o meu beijo. Eu falava com Noelle duas ou três vezes por semana, mas já fazia algum tempo que não a via. Na verdade, não tínhamos nos encontrado desde que ela batera à minha porta no fim de julho, numa noite de sábado em que Grace havia saído com Jenny e Cleve, e eu estava esvaziando a escrivaninha de Sam no escritório. Mexer nas coisas dele se revelara uma tortura – tocar tudo aquilo que ele mesmo tocara fazia tão pouco tempo... Eu tinha separado os papéis em pilhas cuidadosamente organizadas no chão. Depois os daria a Ian, porque eu não saberia dizer se aqueles documentos e cartas fariam parte dos processos em que Sam por acaso estivesse trabalhando. Ian também tinha dificuldade para entender os arquivos. Meu marido era bagunceiro. Como sua escrivaninha tinha um tempo de correr, nós dois havíamos feito um trato: ele podia fazer ali a bagunça que quisesse, desde que eu não fosse obrigada a vê-la. Agora eu daria qualquer coisa para poder ver aquela bagunça.

Só muito depois eu me daria conta do porquê da visita de Noelle naquela noite. Emerson comentara com ela que Grace ia sair com Jenny, então ela sabia que eu estaria sozinha numa noite de sábado, quando aparentemente todas as outras pessoas do mundo têm um par. O verão era uma época difícil para mim, já que eu não tinha as aulas para me ocupar nem estava envolvida em qualquer

produção no teatro comunitário. Noelle sabia que me encontraria triste, frustrada ou furiosa, emoções que me deixavam vulnerável demais para ficar com outras pessoas que não ela. Todos nos sentíamos seguros com Noelle e ela sempre se mostrava disponível.

Eu me deixei cair na cadeira de Sam e ela se sentou no canapé e me perguntou como eu estava. Eu sempre respondia “Bem” a essa pergunta, mas me parecia sem sentido mentir para Noelle. Ela jamais acreditaria.

“Todo mundo pisa em ovos à minha volta, como se eu fosse desabar a qualquer instante”, eu dissera.

Noelle usava uma saia comprida de lã estampada em azul e verde e um brinco de argola enorme que a faziam parecer uma cigana de cabelo acobreado. Era bonita, mas de uma beleza pouco convencional: pele pálida (quase translúcida), olhos num tom de azul forte, elétrico, e um sorriso rápido e largo que deixava à mostra os dentes brancos alinhados, com a arcada superior levemente protergente. Era alguns anos mais velha que eu e começavam a aparecer alguns fiozinhos brancos no cabelo comprido e cacheado. Emerson e eu a conhecíamos desde a época da faculdade e, embora fosse bonita a seu modo descorado, não era do tipo que chamasse a atenção da maioria dos homens. Havia, no entanto, alguns – almas sensíveis, poetas e artistas, nerds da informática – que ficavam tão hipnotizados ao cruzar com ela na rua que chegavam a tropeçar. Vi isso acontecer mais de uma vez. Ian foi um deles, muito tempo atrás.

Naquela noite, no escritório, Noelle jogara a sandália longe e cruzara as pernas sob o corpo no canapé.

“E vai? Você vai desabar?”

“Talvez.”

Conversamos durante um bom tempo e ela me conduziu pelo labirinto das minhas emoções como uma terapeuta competente. Falei da minha tristeza e da minha perda. Falei da minha raiva irracional de Sam por ter me deixado, por acrescentar rugas novas à minha testa. Por transformar meu futuro num ponto de interrogação.

“Já pensou em procurar um grupo de apoio para viúvas?”, indagava Noelle, passado um tempo.

Balancei a cabeça. A ideia de um grupo de apoio para viúvas me dava arrepios. Não queria me ver cercada de mulheres que se sentiam tão mal quanto eu. Acabaria afundando e jamais teria condições de voltar à tona. Havia uma comporta em mim que eu tinha medo de abrir.

“Esqueça o grupo de apoio”, corrigira-se Noelle. “Não tem nada a ver com você. Você é extrovertida, mas não é de se abrir.”

Noelle já me dissera isso uma vez e a descrição me incomodara.

“Eu me abria com Sam”, fora minha defesa.

“Sim”, concordara minha amiga. “Era fácil se abrir com Sam.”

Ela havia olhado pela janela para a escuridão lá fora, como se divagasse, o que me fizera lembrar suas palavras no funeral de Sam: *Sam era o melhor ouvinte do mundo.*

Se era!

“Sinto falta de conversar com ele”, eu admitira.

Eu olhava para a pilha de papéis no chão. Para o grampeador movido à pilha em cima da escrivaninha. Para o talão de cheques. Para os quatro bloquinhos de notas adesivas. Dei de ombros.

“Sinto falta *dele*.”

Noelle assentira.

“Você e Sam... Tenho restrições ao termo ‘almas gêmeas’, porque é banal e porque talvez eu não acredite nisso, mas vocês dois tiveram um casamento excepcional. Sam se dedicava a você.”

Eu havia tocado no teclado do computador do meu marido. O E e o D estavam gastos, quase apagados. Passara os dedos sobre o plástico.

“Você ainda pode falar com Sam, sabia?”

“Como é que é?”, eu havia perguntado, rindo.

“Não me diga que não fala. Quando está sozinha, aposto que sim. Seria muito natural dizer: ‘Droga, Sam! Por que você tinha de me abandonar?’”

Eu havia encarado novamente o teclado, com medo das comportas.

“Honestamente, não faço isso”, eu mentira.

“Mas poderia fazer. Poderia dizer a ele como está se sentindo.”

“Para quê?”

Eu tinha ficado incomodada. Noelle adorava impingir seus argumentos.

“E qual seria a finalidade disso?”, eu questionara.

“Ora, nunca se sabe se ele pode ouvir você.”

“Na verdade, tenho certeza de que não pode”, eu tinha dito, cruzando os braços e girando a cadeira de modo a encará-la. “Cientificamente, ele não pode.”

“A ciência vive fazendo novas descobertas.”

Não podia contar a ela que, às vezes, enquanto tomava café da manhã ou dirigia para a escola, eu ouvia a voz de Sam tão claramente quanto se ele estivesse ao meu lado e que então eu me perguntava se seria ele tentando se comunicar comigo. Já tivera longas conversas com ele em voz alta quando ninguém estava olhando. Adorava senti-lo por perto. Eu não acreditava que fosse possível os mortos se manifestarem do além, mas... e se pudessem e ele estivesse tentando e

eu o ignorasse? Ainda assim, eu me sentia louca quando falava com ele e tinha muito medo dessa sensação.

“Você sempre sentiu medo de ter problemas psiquiátricos como sua mãe”, falara Noelle, como se lesse meus pensamentos.

Assim ela me assustava.

“Acho que esse é o seu maior medo, mas você é uma das pessoas mais sãs que conheço.” E, dizendo isso, ela havia se levantado, respirado fundo e esticado os braços bem acima da cabeça. “Sua mãe teve uma doença”, prosseguira, deixando os braços longos e esbeltos pendendo ao lado do corpo. “Mas você não tem. Jamais terá.”

“As comportas...”

De onde estava sentada, eu havia olhado para minha amiga. Não queria que ela fosse embora.

“Tenho medo de abri-las”, eu confessara.

“Você não vai se afogar”, garantira Noelle. “Você não é esse tipo de pessoa.” E, abaixando-se para me abraçar, completara: “Eu te amo. E estou apenas a um telefonema de distância.”

Enquanto relembrava aquele dia, eu polira a bancada de granito até que ela refletisse as luzes do teto. Então ousei olhar novamente para a foto de nós três na porta da geladeira. Noelle me ajudara a entender muita coisa naquela noite quente e triste de julho, mas uma emoção continuava a me corroer por dentro: o medo de estar fracassando com a minha filha.

Na foto, Grace estava entre mim e Sam, sorrindo, e só alguém muito observador poderia perceber como ela se inclinava para perto de Sam, afastando-se de mim. Ele me deixara sozinha com uma filha da qual eu não sabia ser mãe. Uma filha que eu ansiava por conhecer, mas que se recusava a me permitir isso. Uma filha que me culpava por tudo.

Ele me deixara sozinha com a estranha do andar de cima.

3

Emerson

A lata-velha de Noelle estava na entrada e estacionei atrás dela. Começava a escurecer, mas ainda dava para ler todos os adesivos no vidro traseiro: “Coexistência e tolerância entre as religiões”; “Sem pântanos não há frutos do mar”; “Protejam o rio Cape Fear”, “Tem tofu?”; “Tragam as parteiras de volta!” – as paixões de

Noelle (e eram muitas) estavam expostas na traseira amassada do seu carro para todo mundo ver. Quando algum machão emparelhava com ela num sinal de trânsito e fingia alvejá-la imitando um revólver com a mão, ela exibia o dedo médio em resposta. Essa era Noelle.

Ela abandonara a carreira de parteira fazia mais ou menos um ano, quando resolvera se concentrar no projeto social para bebês, ainda que isso significasse ter de viver de suas economias. Além disso, na época, os consultórios de ginecologistas e obstetras das redondezas vinham fazendo grande alarde sobre o fim da atividade das parteiras, então Noelle concluía que era hora de parar, ainda que isso fosse doer como se lhe decepassem um braço. Seriam necessárias dez vidas para que Noelle fizesse tudo o que queria. Jamais seria capaz de consertar o mundo a seu jeito com apenas uma.

Ted e eu havíamos parado de lhe cobrar pelo aluguel da casa, ainda que, com a economia enfraquecida e as despesas para abrir o Hot!, não estivéssemos exatamente preparados para pagar a faculdade de nossa filha. Ted comprara aquele bangalô rústico decadente da década de 1940 pouco antes de nos casarmos. Na época achei uma ideia de jerico, mesmo que o vendedor o estivesse praticamente dando de presente. Parecia que ninguém ia ali desde 1940, exceto para atulhar o quintal com uma churrasqueira quebrada, uns pneus de bicicleta, uma privada e outras tantas quinquilharias. Ted era corretor de imóveis, porém, e sua bola de cristal lhe dissera que Sunset Park estava prestes a renascer. A bola estava certa... embora o tal renascimento tenha demorado a acontecer. A vizinhança vinha finalmente mudando, embora o bangalô de Noelle continuasse a ser uma visão deplorável. A churrasqueira e a privada haviam sumido, mas os arbustos estavam nas últimas. Se algum dia Noelle se mudasse, precisaríamos fazer uma baita reforma, mas também conseguiríamos um bom lucro a essa altura, de forma que deixá-la morar lá pagando apenas as contas de serviços públicos não chegava a ser o fim do mundo.

A princípio, Ted não ficou empolgado com a ideia de não cobrar aluguel de Noelle. Ele vinha pondo um bocado de dinheiro na minha cafeteria na época, e ambos nos preocupávamos imensamente com isso. Havia anos eu queria abrir um café. Algumas mulheres fantasiavam encontrar Matthew McConaughey em suas camas. Eu fantasiava ter clientes fazendo fila para provar meus quitutes. A boa notícia era que o Hot! já era um negócio estável. Eu tinha clientes fiéis entre os moradores locais e precisara até contratar mais funcionários durante a alta temporada. Por isso Ted acabara mudando de ideia, tanto sobre o café quanto em relação a Noelle ficar em nosso imóvel sem pagar aluguel.

Da entrada cheia de mato, pude ver o canto esquerdo do quintal, onde

Noelle fizera seu jardim. Não se podia dizer que ela se importasse em reformar a casa, e o restante do terreno estava em ruínas, mas ela nos surpreendera alguns anos antes montando uma pequena obra-prima naquele cantinho, e o jardim se tornara uma de suas muitas obsessões. Ela se dedicara tanto a pesquisar plantas que praticamente o ano todo havia algo florindo ali. Um amigo seu fizera a escultura que ocupava o centro do jardim e parecia uma peça de museu: uma bacia de pedra num pedestal, com uma garotinha descalça ao lado, esculpida em bronze, que, na ponta dos pés, tentava tocar na água. Seu vestido e seu cabelo esvoaçavam, como se soprasse uma brisa. Era ali que os pássaros tomavam banho. A peça ficara conhecida e alguns repórteres quiseram fotografá-la e escrever matérias sobre seu autor, mas Noelle nunca permitiu. Tinha medo de que alguém tentasse roubá-la. Ela daria tudo o que tivesse para ajudar outra pessoa, mas não queria ninguém mexendo em seu jardim. Ela o regava, adubava e podava. Adorava aquele pedacinho de terra. Cuidava dele do jeito que outras mulheres cuidariam dos filhos e dos maridos.

O bangalô era de um azul desbotado, da cor dos joelhos de uma calça jeans muito velha, e a pintura, descascada, adquiria uma tonalidade doentia sob a claridade avermelhada do pôr do sol. Quando subi o caminho que levava à varanda, vi uns dois ou três envelopes saindo da caixa de correio junto à porta e, embora a noite estivesse quente, um arrepio me subiu pela espinha. Algo estava errado. Ela tinha ficado de jantar conosco na noite anterior e levar tecidos para Jenny, que, por incrível que parecesse, estava fazendo cobertores para os bebês do projeto social de Noelle. Não era o tipo de coisa que Noelle fosse esquecer. Fiquei preocupada por ela não ter respondido meus recados. Eu havia deixado um na noite anterior: “Vamos jantar sem você. Deixo seu prato guardado.” Deixara outro por volta das dez horas: “Só para saber notícias. Achei que você viria aqui hoje, mas devo ter me enganado. Ligue para dizer que está tudo bem.” Finalmente, mais um de manhã: “Noelle? Você não ligou de volta. Está tudo bem? Te amo.” Ela não respondera e, enquanto eu subia os degraus da varanda, não consegui afastar uma leve sensação de medo.

Toquei a campainha e ouvi o som atravessar o vidro fino das janelas. Bati e depois tentei abrir a porta, mas estava trancada. Eu tinha uma cópia da chave em casa, mas não me ocorrera trazê-la comigo.

Desci a escada e percorri o pequeno caminho que levava à porta dos fundos. A luz da entrada estava acesa, e tentei girar a maçaneta. Trancada também. Pela janela, vi a bolsa de Noelle em cima da velha mesa da cozinha. Ela nunca se separava daquela bolsa. Era um modelo a tiracolo, daqueles de couro avermelhado e enormes, em que cabe metade da casa da gente. Lembro-me de Noelle

tirar brinquedos para Jenny dali quando minha filha ainda engatinhava. Era essa a idade da bolsa. Noelle e ela eram inseparáveis. Cabelo vermelho, bolsa vermelha. Se a bolsa estava ali, minha amiga também estava.

Bati com força na porta.

– Noelle!

– Dona Emerson?

Virei-me e vi uma menina, de uns 10 anos talvez, atravessando o quintal em minha direção. A noite caía rapidamente, então demorei um minuto para notar que a menina trazia um gato nos braços.

– Você é a...? – tentei lembrar, olhando para a casa vizinha.

Uma família afro-americana com três ou quatro filhos morava ali. Eu já fora apresentada a todos eles, mas guardar nomes não era o meu forte.

– Sou a Libby – respondeu a menina. – A senhora está procurando a dona Noelle? Porque ela precisou ir embora de repente ontem à noite.

Sorri, aliviada. Ela viajava. Não fazia sentido que a bolsa e o carro continuassem ali, mas eu acabaria entendendo por quê. Libby pôs um pé no degrau da entrada e a luz bateu no gatinho malhado em seus braços. Cheguei mais perto para ver.

– Esta é a Patches? – perguntei.

– Sim, senhora. A dona Noelle me pediu para cuidar dela na minha casa desta vez.

– Aonde ela foi?

– Ela não disse. A mamãe falou que ela devia ter me dito – acrescentou a garota, afagando a cabecinha de Patches. – Eu cuido da Patches às vezes, mas sempre na casa da dona Noelle. Por isso a mamãe acha que agora a dona Noelle deve ficar fora muito tempo, como ela faz de vez em quando, mas que ela devia ter avisado quando voltava e atender o celular.

Que diabos estava acontecendo?

– Você tem a chave da casa, Libby? – indaguei.

– Não, senhora, mas sei onde ela deixa. Sou a única pessoa que sabe.

– Então me mostre, por favor.

Libby atravessou comigo o quintal em direção ao jardimzinho, com nossas sombras compridas à nossa frente. Foi direto até a escultura onde os pássaros tomavam banho, abaixou-se e ergueu do chão uma pedra junto aos pezinhos da menina de bronze.

– Ela guarda a chave aqui embaixo – sussurrou Libby, entregando-a.

– Obrigada – agradei, e voltamos até a porta dos fundos.

Parei nos degraus. Lá dentro, eu encontraria uma pista do lugar para onde Noelle tinha viajado. Algo que me dissesse por que não levava sua bolsa gigante.

Nem a gata. A sensação horrível que me tomara antes voltou a me incomodar, e me virei para a menina.

– Pode ir, querida. Leve a Patches para casa com você, por favor. Vou tentar descobrir o que está havendo e depois lhe digo, certo?

– Certo.

A menina deu meia-volta devagar, como se não tivesse certeza se devia ou não confiar a chave a mim. Observei-a atravessar o quintal em direção à própria casa.

A chave estava coberta de terra e eu a limpei na minha camiseta, um claro sinal de que nada me importava a não ser descobrir o que fora feito de Noelle. Destranquei a porta e entrei na cozinha.

– Noelle?

Encostei a porta e girei a tranca, porque estava começando a ficar paranoica. A bolsa jazia sobre a mesa como uma pilha flácida de couro e as chaves do carro estavam sobre a bancada entre a pia e o fogão. As vasilhas de comida e de água da gata se achavam emborcadas na bancada em cima de um pano de prato. A pia estava limpa e vazia. A cozinha parecia arrumada demais. Noelle era capaz de deixar um cômodo em desordem só de pisar nele.

Fui até a sala minúscula, passando pelas estantes atulhadas de livros e pela velha tevê que Tara e Sam haviam lhe dado anos antes, quando compraram uma nova com tela grande. Passei pelo sofá marrom puído. Vi um par de carrinhos de bebê virados para a televisão e três cadeirinhas de automóvel empilhadas sobre caixas de papelão que, muito provavelmente, continham coisas de bebê. Mais caixas se equilibravam sobre uma poltrona. Sem dúvida este era o mundo de Noelle. Na parede acima do sofá, vi retratos emoldurados de Jenny e Grace, junto com uma velha foto em preto e branco da mãe de Noelle no portão de um jardim. Ver as fotos das meninas ao lado da de sua mãe sempre me emocionava, porque me fazia sentir que Noelle considerava a filha de Tara e a minha parte de sua família.

Passei pelo primeiro dos dois quartos, o que ela usava como escritório. Assim como a sala, estava lotado de caixas e sacolas, e a escrivaninha, cheia de papéis, livros e... um prato de salada.

– Noelle?

O silêncio da casa começava a me assustar. *Um escorregão no chuveiro?* Mas por que ela diria a Libby para cuidar da gata? Cheguei ao quarto e entrei pela porta aberta. Então a vi, deitada de costas, com as mãos cruzadas sobre o peito, imóvel e calada como se meditasse. Seu rosto sem cor e a fileira de frascos de comprimidos na mesinha de cabeceira, porém, me disseram algo diferente. Minha respiração

ficou presa e não consegui me mexer. Eu não estava entendendo. Me recusava a entender. *Impossível*, pensei. *Isto é impossível*.

– Noelle?

Dei um passo minúsculo adiante, como se testasse a temperatura da água numa piscina. Então a realidade me atingiu e corri em direção à cama. Agarrei o ombro de Noelle e a sacudi com força. O cabelo cobriu a minha mão como se estivesse vivo, mas era a única coisa viva nela.

– Não, não, não! – gritei. – Noelle! Não! Isso não! Por favor!

Peguei um dos frascos vazios, mas minha mente não registrou nada do que estava escrito no rótulo. Eu quis *matar* aquele frasco. Atirei-o longe e depois caí de joelhos ao lado da cama. Apertei a mão fria de Noelle entre as minhas.

– Noelle – sussurrei. – *Por quê?*



É incrível a quantidade de coisas que não notamos quando estamos emocionalmente devastados. O bilhete estava bem ao meu lado, na mesinha de cabeceira. Tive de estender a mão por cima dele para pegar o celular e chamar ajuda. O telefone estava a milímetros da mão de Noelle. Ela podia ter ligado para mim ou para Tara. Podia ter dito: “Fiz uma besteira, venha me salvar.” Mas ela não fez isso. Não queria que ninguém a salvasse.

As equipes da polícia e da ambulância entraram no quarto ao mesmo tempo, ocupando todo o espaço e sugando todo o ar, e tudo o que vi foi um borrão azul e cinzento me cercando. Ainda segurando a mão de Noelle, sentei na cadeira de espaldar alto que alguém trouxera da cozinha, enquanto os paramédicos atestavam sua morte e todos aguardávamos a chegada do legista. Respondi às perguntas que os policiais me fizeram. Eu conhecia o inspetor Whittaker, que aparecia toda manhã no Hot! e pedia o croissant de framboesa com *cream cheese* e um *muffin* quente de banana com nozes. Eu enchia sua caneca com o meu café mais forte e depois o via mergulhar cinco torrões de açúcar nele.

– A senhora chamou o seu marido? – indagou ele, que sempre me chamava de *senhora*, por mais que eu lhe pedisse para me chamar de Emerson.

Ele andou para lá e para cá no claustrofóbico quarto de Noelle, examinando cada foto da mãe dela na parede, tocando a lombada de um livro na pequena estante sob a janela e estudando a almofada para alfinetes em cima da cômoda como se pudesse extrair dali a resposta para o ocorrido.

– Chamei.

Eu ligara para Ted antes da chegada das viaturas e da ambulância. Meu marido

estava mostrando um imóvel a um cliente e eu tinha deixado uma mensagem. Ele ainda não a escutara, caso contrário teria ligado de volta imediatamente ao me ouvir atropelar as palavras como se estivesse sofrendo um derrame.

– Quem é o parente mais próximo? – perguntou o inspetor Whittaker.

Ah, não. Pensei na mãe de Noelle. Ted teria de ligar para ela por mim. Eu não conseguiria. E Tara também não.

– A mãe – sussurrei. – Ela tem mais de 80 anos e é... é frágil. Mora em um lar para idosos em Charlotte.

– A senhora viu isto? – indagou o policial, pegando o pequeno pedaço de papel na mesinha de cabeceira com os dedos enluvados.

Ele me entregou o papel, para que eu pudesse ler.

Emerson e Tara, sinto muito. Por favor, cuidem do meu jardim e se assegurem de que mamãe seja bem cuidada. Amo todos vocês.

– Ah – gemi, fechando os olhos. – Ah, não!

O bilhete tornava tudo real. Até aquele segundo, eu vinha conseguindo evitar a palavra *suicídio*. Agora ali estava ela, em letras garrafais na minha cabeça.

– É a caligrafia dela? – perguntou o inspetor Whittaker.

Abri ligeiramente os olhos, como se não fosse capaz de suportar ver o bilhete por inteiro de novo de uma vez só. A curva descuidada das letras seria praticamente ilegível para outra pessoa, mas eu a conhecia bem. Assenti.

– Ela estava deprimida? A senhora tem ideia do motivo?

Balancei a cabeça.

– Não. *Nenhuma* ideia – garanti e ergui os olhos para ele: – Ela adorava o que fazia. Jamais teria... Será que estava doente e não nos contou? Será que alguém a matou e fez parecer suicídio?

Olhei novamente para o bilhete. E para todos aqueles frascos de comprimidos. Vi o nome de Noelle nos rótulos deles. Um dos paramédicos notou que alguns haviam sido prescritos no mês anterior, mas outros datavam de anos atrás. Será que Noelle andara estocando remédios?

– Ela vinha falando da própria saúde ultimamente? – perguntou o policial. – De consultas médicas?

Esfreguei a testa, tentando avivar a memória.

– Ela machucou as costas em um acidente de carro faz anos, mas há muito tempo não se queixa das dores que tinha – falei.

Na época, ficamos preocupados com a quantidade de remédios que ela tomava, mas isso já tinha tempo.

– Ela teria nos dito se houvesse algum problema.

Eu parecia muito certa disso e o inspetor Whittaker pousou uma das mãos no meu ombro.

– Às vezes as pessoas guardam as coisas para si. Até mesmo as pessoas mais próximas da gente. Nunca se consegue conhecê-las de verdade.

Olhei para o rosto de Noelle, tão bonito e agora tão vazio. Ela não estava mais ali e achei que já me esquecera do seu sorriso. *Isto não faz sentido*, pensei. Ainda havia tanta coisa que ela planejava fazer.

Eu precisava ligar para Tara. Não daria conta disso sozinha. Tara e eu saberíamos o que fazer. Juntas, descobriríamos o que havia acontecido. Juntas, nós duas sabíamos tudo o que se poderia saber sobre Noelle.

Ainda assim, na minha frente jazia a prova – nossa amiga, que se fora para sempre – de que, na verdade, não sabíamos de nada.

4

Noelle

Condado de Robeson, Carolina do Norte
1979

Ela era uma pessoa de hábitos noturnos. Parecia incapaz de deixar o dia acabar e ficava acordada até de madrugada, lendo ou – a mãe não sabia disso – passeando lá fora, às vezes deitada na velha rede, tentando enxergar as estrelas no céu por entre a renda dos ramos de árvore. Vinha sendo uma pessoa noturna por todos os 13 anos da sua vida. A mãe dizia que era porque nascera exatamente à meia-noite, o que a levava a confundir a noite com o dia. Noelle preferia pensar que era porque tinha um pouco de sangue indígena. Imaginava que os índios de olhos cinzentos da Carolina do Norte tinham de ficar alertas à noite para se manterem a salvo dos inimigos. Também tinha uma parte holandesa e, segundo a mãe, outro pouquinho de seu sangue era judeu. Gostava de chocar as colegas de escola com aquele elemento de sua genética tão exótico naquela área rural da Carolina do Norte. Contudo a mãe às vezes inventava coisas, e Noelle aprendera a escolher as partes das histórias em que queria acreditar.

Estava lendo *O Senhor dos Anéis* na cama numa noite de verão quando ouviu

o ruído de passos apressados na entrada de cascalho. Alguém corria na direção da casa. Apagou o abajur para espiar pela janela. A lua cheia iluminou uma bicicleta largada na entrada, os pneus e o guidão jogados de qualquer jeito como se alguém a tivesse abandonado ali às pressas.

– Parteira? – chamou uma voz masculina, seguida de batidas na porta da frente. – *Parteira?*

Vestiu o short e enfiou a camiseta dentro do cós enquanto corria para a sala com paredes de lambri.

– Mãe? – gritou ao passar pelo quarto dela em direção à porta. – Mãe, levante!

Acendeu a luz da entrada e abriu a porta. Viu um garoto negro com olhos grandes que brilhavam de medo. O punho estava no ar, preparado para bater mais uma vez à porta. Noelle o reconheceu. James Alguma Coisa. Era um pouco mais velho – tinha o quê, uns 15? – e estudava na escola dela, embora não o tivesse visto por lá no último ano. Era um menino calado e tímido, e certa vez ela ouvira um professor comentar que tinha esperança de que ele se formasse e talvez até chegasse à faculdade. Não se podia dizer o mesmo sobre muitas das crianças daquela escola, fossem negras, brancas ou indígenas. Depois, porém, ele sumira e Noelle nunca mais pensara no menino. Até agora.

– Chame a sua mãe!

Ele estava nervoso e parecia disposto a irromper casa adentro.

– Ela é parteira, não é?

– Talvez.

Noelle hesitou. Não era recomendável que as pessoas soubessem da atividade da mãe. Todos sabiam, claro, mas Noelle não devia admitir o fato diretamente.

– Como assim “talvez”? – indagou James, empurrando-a pelo ombro e quase a derrubando no chão.

Mas Noelle não teve medo. Era *ele* que estava assustado. Apavorado, a ponto de lhe dar um empurrão.

– Tire as mãos dela! – gritou a mãe, entrando na sala enquanto vestia o roupão. – O que acha que está fazendo? Feche a porta, Noelle!

A mãe agarrou a porta e tentou fechá-la, mas a menina segurou com firmeza a maçaneta.

– Ele disse que precisa de uma parteira – falou, e a mãe parou de forçar a porta e olhou para o garoto.

– É verdade?

Seu tom deu a impressão de que ela não acreditava naquilo.

– Sim, senhora – respondeu ele, parecendo arrependido, e Noelle viu que seu corpo tremia com o esforço para ser educado, quando o que queria, de

verdade, era gritar e implorar. – É a minha irmã. Ela está tendo bebê e nós não temos...

– Vocês moram naquela casa do córrego?

A mãe semicerrou os olhos e ergueu o rosto, como se fosse capaz de ver a casa dele através das árvores na escuridão.

– Isso mesmo. A senhora pode vir comigo?

– Nosso carro não está funcionando – disse a mãe de Noelle. – Você ligou para o pronto-socorro?

– Não temos telefone – respondeu o garoto.

– Sua mãe está com ela?

– Não tem *ninguém* lá com ela! – exclamou o garoto e, batendo o pé como uma criança impaciente, acrescentou: – Por favor, venha comigo. Por favor!

A mãe de Noelle se virou para a filha:

– Ligue para o pronto-socorro enquanto me visto. E você vai comigo. Talvez eu precise da sua ajuda.

Ela jamais convidara Noelle para atender uma paciente com ela antes, mas nada naquela situação era habitual. Era a primeira vez que um vizinho batia à porta às duas da madrugada. Já houvera telefonemas no meio da noite. Noelle ouvia a mãe sair e sabia que teria de preparar o café da manhã e se arrumar para a escola sozinha. A mãe provavelmente estaria em casa quando ela voltasse à tarde, mas não diria nada sobre o que quer que tivesse acontecido. Noelle não se importava. Estava mais interessada em ler do que em saber o que a mãe fazia.

A mãe era velha – 52 anos – e o cabelo castanho sem graça já estava grisalho. Tinha rugas em volta dos olhos e no pescoço. Era muito mais velha do que as mães das colegas de classe de Noelle, e muita gente achava que fosse sua avó. As mães das amigas iam à manicure, usavam batom e frequentavam o salão de beleza em Lumberton para fazer o cabelo. Noelle sentia vergonha da idade da mãe e de seu comportamento nada convencional. Mas quando discou o número do pronto-socorro e fez o máximo para explicar ao atendente onde James morava, teve a estranhíssima sensação de que logo mudaria sua opinião.



Ela não sabia que a mãe era capaz de correr. As duas seguiram atrás da bicicleta de James pela estrada de terra. Mesmo levando a grande sacola de lona com seus apetrechos, a mãe corria mais que ela. O ar estava carregado com o odor do rio e da barba-de-velho que pendia dos ciprestes à margem da estrada. Entraram numa trilha ao lado do córrego e pontas da barba-de-velho roçaram

os ombros de Noelle. Quando era pequena, a mãe lhe contara que a mulher de um chefe indígena desobedecera ao marido e, como castigo, ele cortara seu cabelo e o jogara sobre o galho de uma árvore, onde ele cresceu e se multiplicou e logo passou a cobrir todas as árvores vizinhas. O que isso tinha a ver com barba Noelle não fazia ideia, mas adorava imaginar que a mulher do chefe indígena era um de seus antepassados distantes.

Noelle e a mãe seguiram James na última curva da trilha. Centelhas de luar iluminavam a tinta branca descascada que cobria a minúscula choupana, mas os três ouviram os gritos mesmo antes de verem a casa. O som parecia mais animal que humano, e cortou o ar úmido como se fosse uma espada. Os gritos fizeram a mãe correr mais ainda, ao contrário de Noelle, que reduziu o passo, nervosa. Não que nunca tivesse visto um parto – já vira uma gata dar à luz seus filhotes –, só que jamais ouvira algo como aqueles gritos.

– Onde estão os seus pais? – perguntou a mãe de Noelle, enquanto James largava a bicicleta no chão.

– A mãe está em Lumberton – respondeu o garoto por cima do ombro, já agarrando a gasta maçaneta da porta da frente e girando-a. – A irmã dela ficou doente.

O garoto não mencionou o pai, então a mãe de Noelle não perguntou sobre ele. Todos entraram correndo na casa, que não passava de um cubículo de dois cômodos. O primeiro era uma espécie de cozinha e sala integradas, com um sofá de um lado e uma pia e um fogão, além de uma geladeira pequena, do outro. Porém a mãe de Noelle nem reparou no aposento. Seguiu os gritos até o segundo cômodo, onde uma garota, magra feito um varapau, exceto pelo barrigão enorme, estava deitada de costas numa cama de casal. Não podia ser mais que uns dois anos mais velha que Noelle e estava nua da cintura para baixo, com a camiseta verde puxada até os seios. Dobrara os joelhos, e algo grande e escuro se avolumava no espaço entre as pernas.

– Santo Deus, já está coroando! – exclamou a mãe de Noelle, antes de se virar para James e ordenar: – Encha todos os potes e panelas da casa com água e ponha para ferver!

– Sim, senhora!

James desapareceu do cômodo, mas Noelle permaneceu ali estática, hipnotizada pelo que acontecia no corpo da garota. Aquilo não podia ser normal, podia? A aparência e o som indicavam que ela estava sendo rasgada.

– Tudo bem, querida – disse a mãe, começando a tirar coisas da sacola. – Não empurre. Sei que está com vontade de empurrar, mas não empurre, certo? Vou ajudar você e vai dar tudo certo.

– Não... dar certo, não! – gritou a garota. – Eu não quero bebê nenhum!

– Bom, ainda assim, você vai ter um dentro de alguns minutos.

A mãe de Noelle encarou a filha.

– Encontre todas as toalhas e lençóis limpos que existirem nessa casa – mandou enquanto enrolava o aparelho de pressão no braço fino da garota. – Depois umedeça um pano na água que o menino foi ferver e traga para mim.

Noelle assentiu e começou a procurar dentro do estreito armário do quarto. Agarrou as toalhas, as fronhas e os lençóis muito bem dobrados que achou nas prateleiras e correu para o outro cômodo. Encontrou James tremendo e vigiando as panelas cheias de água sobre o fogão.

– Preciso molhar um destes na água quente – disse Noelle, apontando para as panelas. – Qual delas está mais quente?

– Essa, talvez – respondeu ele, indicando com o queixo a mais próxima dela.

Noelle mergulhou o pano na água, depois o torceu na pia e o levou de volta para o quarto.

A mãe desdobrou parcialmente um dos lençóis e o deslizou para debaixo do traseiro da garota. Depois pegou o pano úmido e morno e o segurou de encontro à pele bizarramente esgarçada em volta da cabeça do bebê. Noelle se aproximou da mãe.

– Isto é normal? – sussurrou em seu ouvido, apontando para onde as pernas da garota se juntavam.

A mãe afastou a mão dela.

– Totalmente normal – respondeu em voz alta, e Noelle percebeu que ela tentava tranquilizar a garota ao mesmo tempo que respondia a pergunta. – Por que não vai ajudar o irmão dela? – sugeriu.

– Não, quero ficar aqui.

– Então pegue uma cadeira e deixe que ela segure a sua mão – disse a mãe, indicando a garota com a cabeça.

Noelle foi buscar uma cadeira na sala e a pôs ao lado da cama. A garota agarrou a beirada do colchão e Noelle, sem jeito, soltou seus dedos dali e os enlaçou na própria mão, que a garota apertou com força. Lágrimas lhe escorriam pelo rosto e gotículas de suor cobriam sua testa. A pele era mais clara que a de James e, mesmo com as feições contorcidas pela dor, Noelle reparou em como era bonita. E em como estava apavorada.

Estendeu o braço, enxugando as lágrimas da garota com as pontas dos dedos.

– Qual é o seu nome? – indagou.

– Bea – sussurrou a garota. – Estou morrendo, não estou? Este bebê vai me matar?

Noelle balançou a cabeça:

– Não, a minha mãe...

Bea a interrompeu com mais um grito:

– Estou sendo partida ao meio!

– Nenhuma mulher jamais se partiu ao meio, querida – tranquilizou a mãe de Noelle. – E você está dilatando, exatamente como deve acontecer.

– Minha coisa está queimando! – disse Bea.

Largando a mão de Noelle, tentou alcançar o lugar entre as próprias pernas. Os olhos se esbugalharam quanto ela tocou no que quer que estivesse ali, fora do campo visual de Noelle.

– Senhor Jesus! Senhor Jesus, me salve!

– É, Senhor Jesus – repetiu a mãe judia-índia-holandesa de Noelle, rindo e provavelmente usando aquele termo pela primeira vez na vida. – Seu Senhor Jesus está bem aqui com você, meu bem, se é do que você precisa – assegurou ela e então, erguendo a cabeça, acrescentou para a filha: – Noelle, quer ver este bebê vir ao mundo?

Noelle se levantou e foi até o pé da cama. O círculo escuro crescera mais ainda e ela prendeu o fôlego, imaginando o que a mãe faria para extrair aquele bebê da magricela Bea. De repente, Bea deixou escapar um grito e a cabeça morena de cabelo escuro foi expelida de seu corpo.

Noelle ofegou, maravilhada.

– Que beleza! – exclamou a mãe. – Você está se saindo muito bem.

Ela posicionou as mãos acima e abaixo da cabeça do bebê, sem tocá-lo, sem tocar Bea, apenas mantendo as mãos ali, como se sustentasse a cabeça no ar por mágica. A cabeça do bebê virou para o lado e Noelle pôde ver seu rostinho, todo enrugado, como se essa coisa toda de nascer lhe desse tanto trabalho quanto dava a Bea. De repente, os olhinhos semicerrados e os lábios sujos de sangue pareceram virar um borrão diante de Noelle e ela se deu conta de que estava chorando, apesar de não haver qualquer motivo aparente.

De repente, o bebê deslizou do corpo de Bea para as mãos da mãe de Noelle.

– Um menino lindo! – exclamou a mãe, enrolando o bebê chorão numa toalha e pousando-o sobre a barriga de Bea, num movimento tão ágil e natural que Noelle soube de imediato que já fora feito centenas de vezes.

– Não quero este bebê – gemeu Bea, mas já estava levantando a ponta da toalha e tocando o cabelo úmido do filho.

– Veremos – falou a mãe de Noelle. – No momento temos um pouquinho mais a fazer aqui embaixo.

Noelle viu a mãe cortar o cordão umbilical e remover a placenta ao mesmo

tempo que respondia suas perguntas e explicava tudo o que fazia. Aquela não era a mesma mulher que preparava o jantar todas as noites, que limpava a casa e alimentava as galinhas e plantava tomates e cortava a grama mirrada do quintal. Naquele cômodo cheio de gritos animais, suor e sangue e um ar denso demais para ser respirado, a mãe se transformava em outra pessoa – alguém misterioso, em parte sábio, em parte mágico. Era linda. Cada ruga em seu rosto. Cada fio branco. Cada junta inchada nas mãos que haviam trazido o bebê ao mundo com tanta facilidade e delicadeza. Naquele instante Noelle soube que queria ser igual à mãe. Queria ser *igualzinha* a ela.



Os socorristas chegaram tarde demais para ajudar no parto, mas mudaram o clima no casebre imediatamente. Fizeram perguntas objetivas. Trouxeram equipamentos médicos reluzentes. Agulhas afiadas e bolsas de líquido penduradas em hastes. Uma maca com rodinhas.

Bea se assustou.

– Não tenha medo – disse a mãe de Noelle, apertando-lhe a mão enquanto dois dos homens uniformizados passavam a garota da cama para a maca. – Você se saiu muito bem. Vai ficar ótima.

– A senhora fez o parto? – indagou um dos homens.

– Ela é parteira – respondeu James, e o paramédico ergueu as sobrancelhas.

– Sou apenas uma vizinha que veio ajudar – emendou, rapidamente, a mãe de Noelle.

Alguns anos antes, passara vários dias na cadeia por exercer o ofício de parteira, e Noelle sabia que ela não pretendia repetir a dose. A namorada do pai, Doreen, havia tomado conta dela na ausência da mãe. Doreen estava ali como empregada, o pai explicara. Noelle podia ter apenas 9 anos, mas de boba não tinha nada. O pai acabou se divorciando da mãe e casando-se com Doreen. Noelle odiava aquela mulher. Ela roubara seu pai. Roubara o marido da sua mãe.

“Jamais machuque uma mulher como Doreen me machucou”, disse-lhe a mãe mais tarde. “Jamais.”

E Noelle jurou que nunca faria isso e achou, sinceramente, que dizia a verdade.



Já começava a raiar o dia quando voltaram a pé para casa. Caminhavam num ritmo lento e tranquilo e durante um tempo nenhuma das duas disse uma pa-

lavra. O canto das cigarras dera lugar a um silêncio sereno que as envolvia na escuridão. De vez em quando Noelle ouvia o chamado de um pássaro dentro da mata. Como gostava daquele som! Já ouvira a mesma ave algumas vezes quando vagava lá fora no meio da noite.

As duas entraram na estrada de terra que levava à casa onde moravam.

– Como você sabia fazer aquilo tudo? – indagou Noelle.

– Minha mãe. E ela aprendeu com a mãe dela. Não tem grande mistério, Noelle. Os médicos hoje em dia querem que a gente acredite que tem. Fazem a gente achar que precisa de remédios e cesarianas, quero dizer, da cirurgia que corta a barriga para tirar o bebê, e todo tipo de intervenções sofisticadas para se ter um filho. E às vezes é isso mesmo. Uma boa parteira deve saber quando é seguro para uma mulher ter um bebê em casa e quando não é. Mas não é um bicho de sete cabeças.

– Eu quero fazer isso.

– O quê? Ter um bebê?

– Ser parteira. Como você.

A mãe envolveu Noelle em um abraço.

– Então quero que você faça do jeito certo – falou. – Dentro da lei, para não precisar ficar se escondendo como eu.

– E como é o jeito certo?

– Primeiro, você se torna enfermeira – respondeu a mãe. – Nunca dei esse passo. Não acho necessário. Acho ruim até, porque eles nos convencem de que, quando se trata de ter bebês, mais é melhor. Mas a Carolina do Norte tem suas leis e é preciso segui-las. Não quero ver minha filha na cadeia.

Noelle se recordou do quartinho abafado de Bea, onde a mãe não fizera nada além do bem.

– Aquela Bea – interveio Noelle – é só um pouco mais velha que eu. Se eu tivesse um bebê, iria querer ficar com ele. Não entendo por que alguém não iria querer o próprio filho.

A mãe não respondeu nada de imediato.

– Às vezes, não ficar com um bebê é a escolha mais amorosa – falou. – Às vezes a gente sabe que não tem o dinheiro ou o apoio necessários para dar oportunidades na vida a um filho e, nesses casos, entregá-lo a uma boa família é a coisa certa. Aquela garota – prosseguiu a mãe, com um suspiro profundo – vai ter de decidir sozinha. Como o bebê é negro, será mais difícil encontrar pais adotivos para ele, por isso espero que ela fique com ele e talvez a avó possa ajudar a criá-lo. Mas 15 anos é cedo demais para isso. Então me faça o favor de não engravidar até ser adulta.

– Não se preocupe. Não quero nem beijar um garoto, quanto mais fazer um bebê.

– Isso vai mudar – garantiu a mãe.

Noelle pôde sentir o sorriso no tom de voz dela.

O céu começava a ficar rosado com o nascer do sol. A estrada de terra era agora visível sob os pés de ambas e à frente. Noelle vislumbrou a silhueta da casa além da mata.

– Tem uma coisa que eu preciso lhe contar, Noelle – disse a mãe do nada, numa voz tão diferente que bem podia pertencer a outra mulher. – É algo que eu devia ter lhe contado há muito tempo, mas depois que seu pai foi embora e tudo... Achei que fosse um fardo pesado demais para os seus ombros.

Noelle sentiu o coração se apertar no peito.

– O que é, mamãe? – perguntou.

– Vamos sentar no quintal para ver o sol nascer – disse a mãe. – Vou fazer um pouco de chá e vamos ter uma boa conversa.

Noelle reduziu o passo quando as duas entraram no caminho de cascalho, sem saber ao certo se queria ouvir o que quer que tivesse feito a mãe falar de um jeito tão estranho. Não conseguia se livrar da sensação de ter saído de casa naquela noite como uma pessoa e de que seria outra ao voltar.

E tinha razão.

5

Tara

Wilmington, Carolina do Norte
2010

Parecia que não tinham se passado mais que algumas semanas desde que eu me sentara na mesma igreja para a cerimônia fúnebre de Sam, e agora precisava voltar ali. Tinha sido num estado de torpor que Emerson e eu havíamos organizado a cerimônia. Emy perguntara se eu queria cantar, algo que eu fazia às vezes em casamentos e recepções, mas eu me recusara. E, na hora em que ouvi uma das minhas colegas de coro entoar *Pie Jesu*, de Fauré, em sua bela voz de soprano, fiquei contente por não ter assumido a tarefa. Minha voz jamais teria vencido

o nó que eu tinha na garganta. Não ali, onde as lembranças do funeral de Sam ainda pairavam no ar. E não agora, quando eu ainda não conseguia acreditar que a nossa Noelle se fora.

A mãe de Noelle estava sentada à minha esquerda. Eu não a via fazia cerca de um ano e, aos 84, ela começava a mostrar os primeiros sinais de senilidade. Esquecera o meu nome, embora se lembrasse do de Emerson e mesmo do de Jenny, e sem dúvida havia entendido que Noelle se fora. Sentada ao meu lado, cobria os lábios com a mão deformada pela artrite e balançava a cabeça repetidamente, como se não acreditasse no que estava acontecendo. Eu entendia a sensação.

Grace estava à minha direita, ao lado de Jenny, Emerson e Ted, enrolando uma mecha de cabelo no dedo indicador, como fazia quando estava angustiada. Havia implorado para ficar em casa.

“Sei que é difícil”, eu a reconfortara naquela manhã, sentando-me na beirada da cama, onde Grace se refugiara sob o lençol.

O edredom azul e verde de bolinhas jazia embolado no chão e tive de me conter para não apanhá-lo e dobrá-lo direitinho no pé da cama.

“Sei que isso vai fazer você se lembrar do funeral do seu pai, mas precisamos estar lá para prestar homenagem à memória de Noelle”, insistira. “Ela a amava e sempre foi muito boa com você. Precisamos estar lá por causa da mãe dela. Lembra como foi importante aquelas pessoas todas comparecerem ao funeral do seu pai?”

Ela não respondeu e o morrinho que sua cabeça formava debaixo do lençol permaneceu imóvel. Pelo menos ela estava me escutando. Eu torcia para que estivesse.

“Não foi pelo seu pai que aquelas pessoas compareceram”, eu prossequira. “Foi por *nós*, para que sentíssemos seu amor e apoio e para que todos pudessem partilhar as lembranças de...”

“*Está bem!*”, ela gritara, puxando o lençol da cabeça e empurrando-me para levantar da cama, o cabelo comprido e embaraçado descendo pelos ombros. “Dá para parar de falar?”, emendara, já de costas.

Não ralhei com ela pela grosseria. Tive medo de afastá-la de mim ainda mais.

Agora Grace apertava a mão de Jenny e fiquei satisfeita de vê-la consolar a melhor amiga. Jenny parecia ainda mais pálida que de hábito. Já perdera o leve bronzeado que adquirira no verão, enquanto a pele de Grace ainda mostrava um brilho caramelado. Jenny herdara a pele alva de Emerson e o cabelo escuro e ralo de Ted, que ela usava de lado e quase cobria o olho esquerdo. Era graciosa e eu a amava, mas, aos meus olhos nada imparciais, perto de Grace ela praticamente sumia. Quando eu as via juntas na escola, não podia deixar de reparar na reação

dos meninos a ambas. Eles abordavam Grace e Jenny de olho grudado na minha filha... até todos começarem a conversar. Então era como se um ímã os atraísse para Jenny e a minha filha calada se tornasse invisível.

Mas Cleve escolhera Grace e não Jenny. Cleve era um garoto bonito, filho de mãe branca – Suzanne – e pai negro. Tinha olhos azuis fantásticos e um sorriso que quase fazia os *meus* joelhos bambearem, e eu sabia que Grace o considerava o amor de sua vida. Agora Jenny andava saindo com um garoto chamado Devon e Grace devia estar se sentindo muito sozinha. Sem pai. Sem namorado. Sozinha com a mãe despreparada.

Ian se sentara no banco atrás do nosso. Fora ele quem nos contara sobre o testamento de Noelle. Ian estava a par da existência do documento havia meses, desde que o encontrara entre os arquivos de Sam, contudo, naturalmente, jamais dissera uma palavra a respeito. Tenho certeza de que ele nunca poderia imaginar ter de usá-lo tão cedo. O testamento era bastante recente, redigido apenas alguns meses antes da morte de Sam. Para ser franca, fiquei surpresa por Noelle ter feito um testamento, já que nunca mostrara ser uma pessoa das mais organizadas. Mais surpresa fiquei, porém, com o fato de ter preparado o documento com Sam. É verdade que ela o conhecia havia tanto tempo quanto conhecia a mim e que, apesar de uma ou outra desavença, os dois sempre foram bons amigos. O conteúdo do testamento, porém, era tal que deveria tê-la deixado pouco à vontade de discuti-lo com ele, e tenho certeza de que deve ter sido complicado para Sam ouvir os últimos desejos da amiga.

No documento, Noelle nomeava Emerson sua testamenteira. Fiquei magoada quando Ian me contou. Não pude evitar. Emerson, Noelle e eu sempre fomos muito próximas. Um trio. Às vezes eu me sentia meio alijada, mas sempre me convencia de que era imaginação minha. A escolha de Emy como testamenteira confirmava minhas suspeitas. Não que alguém fosse *almejar* ser testamenteiro, mas não consegui deixar de imaginar por que Noelle não dera a função a nós duas. Será que Sam chegara a lhe sugerir isso?

Mais reveladora, contudo, tinha sido a divisão de seus bens. Ela vivera de forma simples, mas conseguira economizar mais de 50 mil dólares ao longo dos anos. As instruções eram para que Emerson não deixasse faltar nada à mãe de Noelle. Se sobrasse dinheiro depois, ele deveria ser investido em um fundo para Jenny e Grace, na proporção de 75 e 25 por cento, a parte maior para Jenny. Como Sam teria se sentido quando Noelle deixara clara sua preferência pela filha de Ted e Emerson? Eu sabia que a divisão era justa. Era certa. Jenny ajudava Noelle com o projeto social para bebês e parecia gostar mais dela do que Grace. O dinheiro em si não importava. Mas senti uma dor no peito ao perceber que

a amizade entre mim, Emerson e Noelle havia sido menos igualitária do que eu imaginara.

Também no testamento, Noelle pedia que Suzanne assumisse o projeto social para bebês, se assim quisesse. Ela quis. Suzanne estava sentada no banco atrás do nosso, ao lado de Ian. A grande comemoração do seu aniversário de 50 anos se aproximava e agora eu me perguntava se devíamos cancelar a festa. Muito tempo antes, ela trabalhara como doula com Noelle e desde então as duas se tornaram amigas, enfrentando o divórcio de Suzanne e seus dois embates com o câncer. Após o último, seu cabelo crescera cacheado e basto, branco como neve. Quando a cumprimentei antes da cerimônia, percebi como parecia saudável. Seus enormes olhos azuis sempre me faziam pensar numa garotinha boquiaberta, e era difícil fitá-la sem sorrir, mesmo no período que passara doente e careca por causa da quimioterapia. Aqueles olhos cativavam qualquer um.

Achei que todas as mulheres que haviam sido pacientes de Noelle compareceriam à cerimônia, mas, quando olhei para trás, vi que menos de metade da pequena igreja fora ocupada. Passei o braço em torno dos ombros da mãe de Noelle, tentando evitar que ela percebesse aquilo. Não queria que ela visse que as pessoas que Noelle tocara não haviam se dado o trabalho de aparecer para homenageá-la.

O prefeito começou a fazer a elegia e tentei prestar atenção. Ele mencionou a tentativa de dar a Noelle o Prêmio por Serviços Voluntários, por conta do seu projeto social para bebês, mas que ela não aceitara. Ela era exatamente assim, pensei. Nenhum de nós ficou realmente surpreso. Noelle não achava que ajudar os outros merecesse ser tratado como algo especial.

Senti um tremor perpassar o corpo da mãe de Noelle enquanto ouvíamos as palavras do prefeito, e apertei mais seus ombros. Eu abraçara minha filha desse jeito no funeral de Sam. Naquele dia, sentadas ali, Grace e eu parecíamos dois blocos de madeira. Seus ombros estavam tensos e meu braço simplesmente ficou dormente – tão dormente que precisei tirá-lo do seu ombro com a outra mão. Ficamos tão próximas naquele dia que nossos corpos se tocavam. Agora havia quase dois palmos de espaço entre nós no banco, praticamente 5 centímetros para cada mês de ausência de Sam. Era uma distância grande demais para que eu a abraçasse. Nem se tentasse eu conseguiria.

Perguntei-me se, assim como eu, Grace estaria pensando nos “e se”. E se Sam tivesse saído de casa cinco segundos depois? Nós três tínhamos nos apressado na cozinha, como sempre de manhã, sem muita conversa. Lembrei-me de Sam enchendo de café a caneca horrenda listrada de roxo que Grace lhe dera de presente de aniversário anos antes; de Grace, afobada procurando um livro que não sabia onde havia guardado; e de mim, arrumando a bagunça deixada por

ambos. Sam havia esquecido a caneca quando saíra correndo porta afora. Eu a vi sobre a bancada, mas imaginei que ele já houvesse passado pelo portão àquela altura. E se eu tivesse corrido até a porta com a caneca na mão? Será que ele teria me visto? Aí jamais teria parado no Port City Java para comprar café. Jamais teria atravessado o cruzamento de Monkey Junction na hora errada. Será que estaria sentado a meu lado agora, se eu tivesse tentado alcançá-lo?

E se, e se, e se.

Emerson fungava à minha direita e o lenço de papel na minha mão estava ensopado com as minhas lágrimas. Emy olhou para mim e tentou sorrir e eu desejei que Grace e Jenny não estivessem entre nós para que eu pudesse tocar seu braço. Nós duas estávamos devastadas. Os “e se” relacionados à morte de Noelle eram muitos e atormentadores. Talvez nós realmente pudéssemos ter feito *alguma coisa* para mudar o curso dos acontecimentos. Noelle se matara. Isso era muito diferente de dois carros colidirem num cruzamento, muito mais evitável, caso uma de nós tivesse percebido os sinais. Mas que sinais? O suicídio de Noelle não fazia sentido. Ela sempre *amara* tanto a vida. Teríamos ignorado um vazio nela? Noelle romperia o noivado com Ian anos antes e nunca se casara, trouxera ao mundo um bebê atrás do outro sem jamais ter tido um filho. Parecia contente com suas escolhas, mas talvez estivesse fingindo para todos nós. Lembrei-me de Noelle naquele sábado de julho me consolando pela perda de Sam. Eu só estava pensando em mim mesma. Que dor reveladora, ainda que pequena, eu teria ignorado em minha amiga naquela noite?

Eu conhecia Noelle desde o primeiro ano de faculdade e tinha milhares de lembranças suas desde então. No entanto, a que sempre se destacaria em minha mente era a da noite em que ela me ajudou a dar à luz Grace. Sam relutara, mas acabara concordando com o parto em casa e, francamente, se a parteira fosse qualquer outra que não Noelle, eu mesma não me sentiria à vontade com a ideia. Eu tinha total confiança nela, mas Sam temia que estivéssemos correndo riscos desnecessários, e a verdade é que as coisas não correram muito bem.

Noelle, contudo, se manteve calma. Existem pessoas cuja mera presença é capaz de estabilizar a nossa pressão sanguínea. Reduzir a nossa ansiedade. Manter a nossa concentração. Noelle era assim. *Vou cuidar de você*, dissera ela naquela noite, e eu acreditara. Ao longo de todos aqueles anos, quantas mulheres ouviram da sua boca as mesmas palavras? Eu sabia que eram verdadeiras. A luz do abajur que ela dirigia para o espaço entre as minhas pernas ressaltava o azul dos seus olhos, e o cabelo revoltado havia sido amarrado, liberando o rosto, mas madeixas úmidas se grudavam à sua testa. Sob aquela luz, seu cabelo ficava quase vermelho. Ela me fez andar pelo quarto iluminado pelo luar. Fez com que eu

tomasse brandy e chás com gosto de terra. Colocou-me em posições estranhas que, devido ao meu barrigão e às minhas pernas trêmulas, fizeram eu me sentir uma contorcionista. Pegou um banco da cozinha e me fez apoiar um pé nele e balançar o quadril para lá e para cá. Gritei e gemi e me apoiei nela e no meu marido aflito. Eu batia o queixo, ainda que o quarto estivesse bastante quente. Odiei me sentir tão fora de controle, mas não tive escolha senão me entregar a Noelle. Eu faria o que quer que ela mandasse, tomaria o que quer que ela me desse. Confiava nela mais do que em mim mesma e, quando por fim ela mencionou algo sobre chamar uma ambulância, pensei: *Se Noelle diz que é melhor, então é.*

Mas ela não chegou a telefonar e o restante da noite se transformou num borrão de dor para mim. Acordei em meio à escuridão e vi Sam sentado ao lado da nossa cama, uma silhueta indistinta contra a luz do abajur. Por um momento, eu não soube onde estava. Meu corpo doía e eu me sentia em carne viva e vazia.

“Você é mãe, Tara”, falara ele, afagando meu rosto. “Que mãe incrível, corajosa e linda você é.”

Eu não conseguia ver seu rosto, mas ouvira o sorriso em sua voz.

“Estou no hospital?”, sussurrara.

Um sussurro foi tudo o que consegui forçar minha garganta a produzir. Eu não tinha voz. Minha boca estava seca e áspera.

“Não, Tara, você está em casa. Noelle deu conta de tudo. Chegou a pensar que talvez precisasse levar você para o hospital, mas conseguiu virar o bebê”, respondera Sam, alisando meu cabelo e repousando a mão em meu rosto.

Eu sentira o aroma de sabonete.

“Minha boca”, falara, umedecendo os lábios. “Parece que tem areia.”

Sam estalara a língua.

“Cinzas.”

Ele segurava um copo perto da minha boca, guiando um canudo até os meus lábios. A secura foi diminuindo enquanto eu sorvia a água.

“Cinzas?”, repetira.

Será que eu havia entendido direito?

“Você desmaiou depois que o bebê nasceu. Noelle cortou uma mecha do meu cabelo”, explicara Sam, enquanto passava a mão no cabelo escuro que lhe caía na testa, “e a queimou. Depois pôs as cinzas debaixo da sua língua para trazer você de volta”

Minha cabeça girava.

“E funcionou?”, indagara.

Ele assentira.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br